



**PORTUGUESE A2 – HIGHER LEVEL – PAPER 1**  
**PORTUGAIS A2 – NIVEAU SUPÉRIEUR – ÉPREUVE 1**  
**PORTUGUÉS A2 – NIVEL SUPERIOR – PRUEBA 1**

Thursday 13 May 2010 (afternoon)  
Jeudi 13 mai 2010 (après-midi)  
Jueves 13 de mayo de 2010 (tarde)

2 hours / 2 heures / 2 horas

---

**INSTRUCTIONS TO CANDIDATES**

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Section A consists of two passages for comparative commentary.
- Section B consists of two passages for comparative commentary.
- Choose either Section A or Section B. Write one comparative commentary.

**INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS**

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- La section A comporte deux passages à commenter.
- La section B comporte deux passages à commenter.
- Choisissez soit la section A, soit la section B. Écrivez un commentaire comparatif.

**INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS**

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- En la Sección A hay dos fragmentos para comentar.
- En la Sección B hay dos fragmentos para comentar.
- Elija la Sección A o la Sección B. Escriba un comentario comparativo.

Escolha a Secção A **ou** a Secção B.

## SECÇÃO A

*Analise e compare os dois textos seguintes.*

*Aponte as semelhanças e as diferenças entre os textos e o(s) seu(s) respectivo(s) tema(s). Inclua comentários à forma como os autores utilizam elementos tais como a estrutura, o tom, as imagens e outros artifícios estilísticos para comunicar os seus propósitos.*

### Texto 1

De dia ande na rua com cuidado, olhos bem abertos. Evite falar com estranhos. À noite, não saia para caminhar, principalmente se estiver sozinho e seu bairro for deserto. Quando estacionar, tranque bem as portas do carro e não se esqueça de levar o som consigo. De madrugada, não pare em sinal vermelho. Se for assaltado, não reaja – entregue tudo.

- 5 É provável que você já esteja exausto de ler e ouvir várias dessas recomendações. Faz tempo, que a idéia de integrar uma comunidade e sentir-se confiante e seguro por ser parte de um coletivo, deixou de ser um sentimento comum aos habitantes das grandes cidades brasileiras. As noções de segurança e de vida comunitária foram substituídas pelo sentimento de insegurança e pelo isolamento que o medo impõe. O outro deixa de ser visto como
- 10 parceiro ou parceira em potencial; o desconhecido é encarado como ameaça. O sentimento de insegurança transforma e desfigura a vida em nossas cidades. De lugares de encontro, troca, comunidade, participação coletiva, as moradias e os espaços públicos transformam-se em palco do horror, do pânico e do medo.

- 15 A violência urbana subverte e desvirtua a função das cidades, drena recursos públicos já escassos, ceifa vidas – especialmente as dos jovens e dos mais pobres –, dilacera famílias, modificando nossas existências dramaticamente para pior. De potenciais cidadãos, passamos a ser consumidores do medo. O que fazer diante desse quadro de insegurança e pânico, denunciado diariamente pelos jornais e alardeado pela mídia eletrônica? Qual tarefa impõe-se aos cidadãos, na democracia e no Estado de direito?

Paulo Sérgio Pinheiro e Guilherme Assis de Almeida, *Violência Urbana*, Brasil (1998)

**Texto 2**

**Violência urbana**

Corpo na calçada...a cabeça no asfalto,  
Numa cena triste que se tornou cotidiana...  
Eis mais uma vítima da violência urbana!...  
O infeliz, destemidamente, reagiu ao assalto...

5 O círculo de pessoas que se engrossa  
Ao redor do corpo, estendido daquele jeito...  
Da ferida, aberta como flor no peito,  
Brota o sangue que na calçada empoça.

10 Pobre vítima de menores delinquentes,  
Dizem as pessoas olhando-o, indiferentes...  
Habitadas a verem essa cena cotidiana...

Em meio ao progresso que se expande,  
Eis o lado triste e podre da cidade grande.  
A incontida explosão da violência urbana!...

Agnor Martinho Correa, *Retratos da Vida*, Brasil (1996)

## SECÇÃO B

*Analise e compare os dois textos seguintes.*

*Aponte as semelhanças e as diferenças entre os textos e o(s) seu(s) respectivo(s) tema(s). Inclua comentários à forma como os autores utilizam elementos tais como a estrutura, o tom, as imagens e outros artifícios estilísticos para comunicar os seus propósitos.*

### Texto 3

Voltando a nossa objetiva para o território brasileiro, podemos dar continuidade à questão dos nomes, desta vez fora da ficção. O livro “Nomes Próprios Pouco Comuns”, do etnógrafo pernambucano Mário Souto Maior, resultou de uma pesquisa desenvolvida nos estados do Norte e Nordeste. A escolha do nome, conta Souto Maior, é sempre um dilema. A mecânica

5 da denominação pode resultar de vários fatores que vão de uma promessa feita ao santo da devoção da parturiente ao do nome do santo do dia ou, ainda, das circunstâncias do próprio parto (Maria das Dores, se o parto for difícil). Além da religião, podem entrar preferências políticas (Roberto Kennedy Oliveira dos Santos) ou literárias. Destas, José de Alencar é o campeão. Confira o bairrismo exacerbado deste outro: Veneza Americana Dericife.

10 A parte mais curiosa do livro, no entanto, é a dos nomes estapafúrdios que revelam o quanto um nome próprio pode ser impróprio, fruto que é da vontade e capricho dos pais, sejam eles excêntricos ou ignorantes. Confirmam alguns: Abrilina Décima Nona Caçapava Piratininga de Almeida. Que tal estes, criados a partir da junção de uma ou duas sílabas de cada um dos nomes dos pais: Mariano Chagas casou com Maria Amélia e não teve dúvidas, deu ao

15 filho o nome de PRODAMOR (produto do amor) DE MARICHÁ (Mariano Chagas) E MARIMÉ (Maria Amélia).

Para o poeta Carlos Drummond de Andrade, que assina o delicioso prefácio do livro de Souto Maior – *O impróprio nome próprio* – e que também defende a conveniência de todos os nomes serem provisórios até 18 anos, a nominação das pessoas “é campo aberto à análise

20 da inventividade, lirismo, crença e humor involuntário de nossa gente”, apesar de todas as inconveniências.

Recensão Literária de Dalila Teles Veras, *Revista Literatura*, no. 11, Brasil (1998)

## Texto 4

Nada nos pertence mais do que o nome. Beleza, dinheiro, empregos, cargos, situações, casas, amores, tudo passa, tudo se modifica. E até mesmo, quando deixamos de existir, é apenas o nosso nome que fica gravado.

Até há quatro séculos, apenas se usava um nome a que, por vezes, se acrescentava um  
 5 qualificativo – geográfico, social, profissional ou simplesmente físico – como Braga, Velho, Carpinteiro ou Ruivo. A partir do século XVI, os sobrenomes passaram a ter uma transmissão hereditária, para a qual se buscava um nome próprio para celebrar o baptismo, evidentemente entre os nomes dos santos e mártires (fora do onomástico\* cristão não se podia baptizar).  
 10 E só nos dois últimos séculos, após a Revolução Francesa, se assistiu a uma maior abertura na escolha de prenomes, até porque muitas pessoas não eram baptizadas. Além disso, determinadas correntes de pensamento e de outras religiões passam a eleger outros nomes, como por exemplo os anarquistas que colocam aos filhos nomes de flores e elementos naturais (Hélio que significa Sol por exemplo).

Podemos dizer que a escolha de um nome é um grande acto de amor a um filho. Às vezes,  
 15 é escolhido antes do seu nascimento, outras vezes até antes de ser concebido.

Para a criança será a primeira palavra e o som que ouvirá repetidamente murmurado pela sua mãe, ficará para sempre carregado de amor transmitindo-lhe uma sensação de segurança. Pela vida fora, o mais íntimo do seu ser vibrará a esse chamamento e isso representará a forma mais certa de chegar ao seu eu.

Na escolha desse nome, os pais podem optar por um de que gostem mas, sobretudo,  
 20 deverá ser um nome de que a criança goste no futuro. Um nome que possa usar alegremente, com orgulho mesmo, que não seja banal, nem absurdo, e que não tenha de carregar com tristeza nem vergonha, por evocar defeitos ou ser ridículo.

Os nomes próprios obedecem a modas e, mais do que isso, a ciclos, ou seja, são muito usados  
 25 em determinadas épocas para depois entrarem em desuso, e mais tarde voltarem a estar na moda.

Ana Belo, *Nomes Próprios*, Portugal (2000)

---

\* onomástico: relativo aos nomes próprios